

## PANDEMIA E TRABALHO: ENTRE A SOCIALIZAÇÃO E A PRECARIEDADE<sup>12</sup>

### Pandemic and Work: between socialization and precariousness

Sarah Fernanda Etges da Rosa<sup>3</sup> 

Universidade de Santa Cruz do Sul, Faculdade de Psicologia<sup>4</sup>  
Santa Cruz do Sul, Rio Grande do Sul, Brasil.

Teresinha Eduardes Klafke<sup>5</sup> 

Universidade de Santa Cruz do Sul, Faculdade de Psicologia  
Santa Cruz do Sul, Rio Grande do Sul, Brasil.

#### Resumo

O artigo objetiva explorar a relação entre a pandemia, o trabalho e a saúde mental a partir do contexto familiar de oito famílias moradoras de uma cidade do interior do Rio Grande do Sul. A metodologia foi pautada na entrevista semiestruturada e na análise de conteúdo. Ao todo foram entrevistadas nove pessoas, um pai, seis mães e um casal. Os resultados apontaram para o aumento da precariedade e insegurança laboral e pessoal, e para a intensificação das perdas financeiras. O teletrabalho demonstrou a contradição entre os diferentes papéis desenvolvidos pelos responsáveis, a inadequação do espaço doméstico e a sobrecarga dos sujeitos, com as mulheres e as mães sendo as mais afetadas. Além disso, a concepção de entretenimento se modificou, com o trabalho ganhando novas nuances e destaque nesse âmbito, se tornando sinônimo de socialização, distração e normalidade. Quem conseguiu manter atividades laborais precisou se reinventar e, não obstante, manter a qualidade da performance, sustentar a renda e o bem-estar profissional e pessoal. Desse modo, os sentimentos de isolamento, exaustão, ansiedade, estresse e desgaste emocional aumentaram.

**Palavras-chave:** Pandemia; Trabalho; Saúde mental; Família.

#### Abstract

The article aims to explore the relationship between the pandemic, work and mental health from the family context of eight families living in a city in the interior of Rio Grande do Sul. The methodology was based on semi-structured interviews and content analysis. In all, nine people were interviewed, one father, six mothers and a couple. The results pointed to an increase in job and personal precariousness and insecurity, and to the intensification of financial losses. Telework demonstrated the contradiction between the different roles developed by those

<sup>1</sup> Editora responsável pela avaliação: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Beatriz Amália Albarello.

<sup>2</sup> Copyright © 2022 Rosa & Klafke. Este é um artigo em acesso aberto, distribuído nos termos da Licença Creative Commons - Atribuição que permite o uso irrestrito, a distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que o artigo original seja devidamente citado.

<sup>3</sup> [sarahetges@hotmail.com](mailto:sarahetges@hotmail.com)

<sup>4</sup> Rua Maria Carolina, 150, Bonfim, Santa Cruz do Sul, Rio Grande do Sul, Brasil.

<sup>5</sup> [tklafke@unisc.br](mailto:tklafke@unisc.br)

responsible, the inadequacy of the domestic space and the overload of the subjects, with women and mothers being the most affected. In addition, the concept of entertainment has changed, with work gaining new nuances and prominence in this context, becoming synonymous with socialization, distraction and normality. Those who managed to maintain work activities had to reinvent themselves and, nevertheless, maintain the quality of performance, sustain income and professional and personal well-being. In this way, feelings of isolation, exhaustion, anxiety, stress and emotional exhaustion increased.

**Keywords:** Pandemic; Work; Mental health; Family.

---

## Introdução

O presente estudo, derivado da pesquisa “Famílias com crianças em fase escolar na pandemia”, tem como objetivo explorar a relação entre a pandemia, o trabalho e a saúde mental a partir do contexto familiar de oito famílias moradoras de uma cidade do interior do Rio Grande do Sul. Através da pesquisa teórica, de entrevistas semiestruturadas e da análise de conteúdo, buscou-se compreender de que maneira a pandemia da COVID-19 afetou o âmbito do trabalho e, conseqüentemente, a saúde mental de famílias com crianças em fase escolar, entre sete e doze anos de idade.

Epidemia é o surto periódico de uma doença infecciosa em dada região. O termo pandemia é usado quando uma epidemia se espalha mundialmente, ameaçando todo o mundo simultaneamente (BBC News, 2020). Em dezembro de 2019, o Coronavírus (SARS-CoV-2) foi identificado na China. Conhecido como COVID-19, em 11 de março de 2020, a Organização Mundial de Saúde (OMS, 2020) definiu-o como pandêmica, refletindo a gravidade da situação. Os esforços para reduzir a transmissão do vírus fizeram com que o mundo todo adotasse a prática do distanciamento social, o isolamento e a quarentena, com estratégias de controle da mobilidade. Essas práticas e a própria transmissão do vírus resultaram em impactos políticos, econômicos, sociais e de saúde (Lima, 2020).

Para além das condições patológicas orgânicas, a emergência internacional obriga a considerar as condições de saúde mental e de trabalho da população. Durante as epidemias, o número de pessoas cuja saúde mental é afetada tende a ser maior que o número de pessoas afetadas pela infecção. Todavia, em linhas gerais, no decorrer de pandemias, a saúde física é o foco, de modo que as implicações sobre a saúde mental tendem a ser negligenciadas ou subestimadas (Ornell, Schuch, Sordi, & Kessler, 2020; Silva, Santos & Oliveira, 2020). O estresse e o medo podem gerar sofrimento mental e/ou piorar sintomas psiquiátricos.

A partir dessa perspectiva, a recomendação de permanecer o máximo de tempo em casa, evitando locais públicos ou aglomerações, para, na prática, conter a disseminação do vírus e o

número de óbitos (Faro et al., 2020), provocou mudanças na esfera do trabalho. Nesse sentido que se pode entender o cenário pandêmico e o contexto familiar. Os impactos sociais, econômicos e emocionais apresentam-se às famílias e demandam um processo de estabelecimento de recursos e capacidades para uma reorganização estrutural. O Brasil, por ser um país com regiões culturais distintas e acentuada desigualdade social, tem dificuldade em avaliar os efeitos diversos da COVID-19 (Ribeiro, Souza, Nogueira, & Eler, 2020). Torna-se imperativo, então, avaliar as dimensões que o estressor da pandemia do Coronavírus toma no cotidiano do trabalho das famílias brasileiras.

Por isso, tendo em vista o momento histórico atual, esse estudo propõe um olhar voltado para a saúde mental e a organização laboral a partir do ponto de vista de oito famílias, sistema básico de convivência, cuidado, desenvolvimento e aprendizado. No intuito de contribuir com a comunidade científica, entender de que forma o conjunto familiar lida com o trabalho na pandemia nos ajuda a compreender os indivíduos, a comunidade e a sociedade, as consequências do vírus e as transformações desencadeadas.

### **Referencial teórico**

Fundamentada na Clínica do Trabalho, mais especificamente na Psicodinâmica do Trabalho, preconizada por Dejours em 1992, observa-se que a organização do trabalho é produtora de prazer e sofrimento. A partir desse entendimento, o trabalho, enquanto atividade humana e profissional remunerada, é entendido aqui como o principal mediador entre as instâncias psíquica e social do homem (Araújo, Souza, Lima, & Faria, 2016; Bendassolli & Soboll, 2014).

Inspirada pela Psicanálise freudiana, que trata a escuta como lugar privilegiado, pela Psicopatologia, vertente psiquiátrica, e pela prática comunicativa de Harbemas (1984), que contextualiza politicamente a prática, a abordagem envolve a relação entre subjetividades, resignificação pelo uso da palavra e elaboração (Bendassolli & Soboll, 2014). A psicodinâmica trata da saúde mental como resultado da maneira como os trabalhadores posicionam-se diante do sofrimento decorrente da organização do trabalho. Assim, o trabalho é determinante do sofrimento mental e do prazer e ocupa lugar central no processo de subjetivação (Araújo et al., 2016).

O trabalho humano é uma atividade complexa, dinâmica, multifacetada e intencional de transformação da realidade, da natureza e de si mesmo. As representações e os significados variam entre indivíduos e culturas, mas fazem do trabalho uma instância central e contraditória,

fonte de segurança, reconhecimento, saúde, autorrealização, dignidade, prazer, identificação e poder, de um lado, e sofrimento, adoecimento, humilhação, impotência, alienação, exploração e perda de si, de outro. O trabalho é estruturador psíquico, produtor de coisas, relações, subjetividades, identidades e sujeitos, liga e insere no mundo, e ultrapassa o ambiente laboral (CREPOP, 2008; Neves, Nascimento, Felix Jr, Silva, & Andrade, 2018). A dinâmica laboral e o sofrimento psíquico vivenciado pela pessoa em relação ao seu trabalho refletem nas condições, no relacionamento e na organização familiar.

Com base na teoria Sistêmica, influenciada pela Cibernética e pela Teoria Geral dos Sistemas (TGS) e pela Teoria da Comunicação, a família é entendida como um sistema complexo e global, composta por subsistemas menores e interdependentes, e que faz parte de um sistema sociocultural maior. Tal qual uma complexidade organizada, em mútua e permanente interação e troca com o ambiente, é interativa, integrada e contextual, em contínua desorganização e reorganização (Costa, 2010). Considerando a circulação de informações, a retroalimentação, ou *feedback*, pode ser positivo, quando mantém a homeostase e funcionamento estabelecido, ou negativo, quando a família responde a alguma mudança, no caso, a pandemia, se adaptando em busca de equilíbrio (Gomes, Bolze, Bueno, & Crepaldi, 2014).

A respeito do Ciclo da Vida Familiar, famílias com filhos entre sete e doze anos se enquadram na Fase de Aquisição, caracterizada pela formação do casal, chegada do primeiro filho e vivência com filhos pequenos. É o estágio de adquirir aspectos materiais, emocionais e psicológicos, que as fases futuras irão depender (Cervený & Berthoud, 2010). Estresses costumam ocorrer durante as transições do ciclo. Estressores verticais são aqueles intrínsecos à família, como mitos, rótulos, segredos, legados e padrões de interação. Por outro lado, os horizontais são os desenvolvimentais predizíveis, próprios do ciclo de desenvolvimento, e imprevisíveis, como a morte, acidentes, guerra e doença (Carter & McGoldrick, 1995). A pandemia da COVID-19 se caracteriza como um estressor horizontal, sobretudo considerando as medidas de proteção adotadas.

A crise da COVID-19 causa uma tensão que afeta o macrossistema social e o microssistema familiar, provocando desafios, como: confinamento e convivência direta por longos períodos de tempo; afastamento de familiares e amigos; fechamento de escolas, locais de convivência, esporte e lazer; *home office*; rearranjo do ambiente físico para acomodar as demandas de trabalho, estudo e brincadeiras; sobrecarga de trabalho doméstico; desemprego e insegurança financeira; falta ou irregularidade do suporte de serviços de saúde e assistência social e comunitária; entre outros. A tensão exige amplas mudanças no repertório e adaptações

no sistema da família, principalmente àquelas com crianças que já estão habituadas a certa organização, como as presentes no estudo.

## **Metodologia**

A abordagem metodológica foi de natureza qualitativa, buscando a compreensão e interpretação das percepções, sentimentos, crenças e comportamentos dos participantes, os sentidos e significados atribuídos ao trabalho na pandemia (Alves-Mazzotti & Gewandsznajder, 2002). A abordagem permitiu estudar as relações complexas e construir a realidade do todo e de cada um. Por isso, a ênfase na totalidade, contextualidade e historicidade dos indivíduos foram essenciais (Rosa & Arnoldi, 2014).

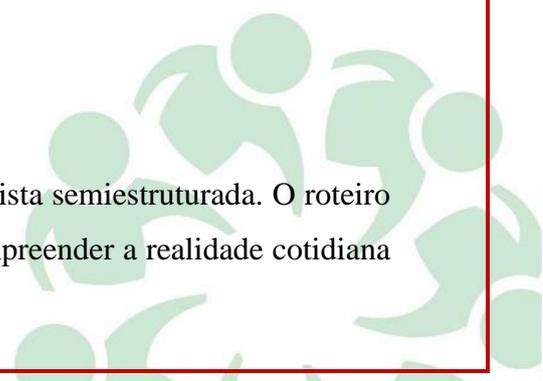
### ***Participantes, cenário e preceitos éticos***

Ao todo, participaram da pesquisa oito famílias, com crianças entre sete e doze anos de idade. Coube utilizar o termo “família” visto que o convite à pesquisa incluiu o casal, tendo sido escolha deles participarem em dupla ou apenas um deles representar o grupo familiar. Sendo assim, nove pessoas foram entrevistadas, um casal, um pai e seis mães. Os critérios de inclusão foram: ser morador da cidade do interior do Rio Grande do Sul e ter no mínimo um filho com idade entre sete e doze anos. A seleção da amostra não probabilística foi realizada através da técnica “bola de neve”, que utiliza cadeias de referência (Yin, 2016).

O projeto e o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) foram aprovados pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da instituição, no caso deste, da Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC), com o número de CAAE (Certificado de Apresentação de Apreciação Ética) 40245620.1.0000.5343. Das oito entrevistas, cinco foram presenciais, na residência do participante, e três via encontro virtual, através da plataforma Google Meet. Tais meios foram de acordo com a preferência dos sujeitos. Devido às duas possibilidades de encontro, seis participantes assinaram o TCLE a punho e dois tiveram o consentimento gravado em vídeo, depois da leitura do termo.

### ***Produção e análise de dados***

A estratégia utilizada para a coleta de dados foi a entrevista semiestruturada. O roteiro de perguntas previamente elaborado serviu como guia para compreender a realidade cotidiana



das famílias e as percepções subjetivas dos indivíduos. A pesquisa bibliográfica sustentou a organização do roteiro e funcionou como um filtro. As questões permitiram verbalizar e aprofundar pensamentos e reflexões sobre o tema, de forma subjetiva, holística, contextualizada e personalizada. As entrevistas foram gravadas e posteriormente analisadas.

O tratamento dos dados aconteceu de acordo com a técnica de análise de conteúdo. A análise assegurou compreender as estruturas, sentidos e significações que estão por trás das falas, dos discursos e da comunicação. Baseada na dedução lógica, em procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo, suscitou indicadores para inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção das mensagens. A análise de conteúdo contou com três fases: pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados (Bardin, 2016; Camara, 2013; Taquette, 2016).

### **Resultados e discussão de dados**

Sem especificar, garantindo o sigilo aos nove participantes da pesquisa, sendo seis mães, um pai e um casal, o cenário revelou que todas as famílias participantes da pesquisa são de classe socioeconômica média. A exceção de uma mãe, todos os entrevistados são casados ou em união estável e a faixa etária é entre 30 e 45 anos. A respeito da situação empregatícia, quatro são microempreendedores, quatro são funcionários de empresas privadas e uma mãe é concursada em uma instituição pública.

Em março de 2020, entre os nove participantes, cinco pausaram suas atividades. O motivo variou, dos nove, um pai e uma mãe tiveram seus estabelecimentos fechados, aquele por poucos dias e esta, por um mês; uma mãe, pertencente ao grupo de risco, tirou uma licença empregatícia de meses do serviço público; outra mãe foi obrigada a aceitar férias durante um mês; uma mãe ficou afastada menos de uma semana; e uma mãe, no momento da entrevista, estava em casa, afastada de sua empresa, mas tentando o teletrabalho. Uma mãe e um pai, este constituinte do casal entrevistado, nunca pararam, e uma mãe sempre trabalhou na modalidade *home office*.

No Brasil, a Lei 13.467/2017 da reforma trabalhista, reconhece as expressões de teletrabalho, trabalho virtual, trabalho remoto, *home office* ou trabalho em casa como a utilização de recursos tecnológicos para a prestação de serviços fora das dependências da empresa (Brasil, 2017). Por intermédio das entrevistas, verificou-se a dificuldade em conciliar tarefas profissionais, domésticas e familiares, a fragilização dos relacionamentos sociais nas

instituições, o aumento do sentimento de isolamento, exaustão e desgaste emocional, com a presença de familiares e crianças, ruídos, interrupções e estímulos variados.

Apesar de alguns identificarem o teletrabalho como um recurso facilitador das atividades laborais na pandemia, o adulto que está em casa, muitas vezes, precisa lidar, ainda, com o cuidado de mais de uma criança ao mesmo tempo. Portanto, a sobrecarga do adulto pode acontecer. De acordo com uma mãe entrevistada, o teletrabalho é complexificado pela presença de filhos:

Mas claro que pesou um pouquinho, porque é o início, e ela precisava de atenção e não podia deixar todas as tarefas pra fazer de noite. Fazer de dia. Então teve horas que ela pedia 'mãe me ajuda' e eu 'não, agora não. Deixa pra depois', né (entrevista 8).

Para além do ambiente laboral, os fatores psicossociais do trabalho influenciam o bem-estar e a saúde do trabalhador. Envolve as condições do ambiente, organização e relações do trabalho e as condições individuais e pessoais extratrabalho, percepções, contexto e experiências. Alguns fatores que influenciam são: habilidade, necessidades e cultura; sobrecarga ou subcarga do trabalho; demandas e papéis conflitantes; falta de apoio social, comunicação, autonomia e controle; relações interpessoais; conteúdo e significado do trabalho; promoções; insegurança; e situação de trabalho perigosa (Bahia, 2014).

Dessa forma, o sofrimento psíquico relacionado ao trabalho é causado por restrições e imposições da organização nesse âmbito (Araújo et al., 2016). Na pandemia, a fusão entre tarefas domésticas e o trabalho limita a satisfação dos sujeitos. A distância entre a atividade prescrita e a organização real do trabalho se supera, representando perigo para a saúde, segurança e qualidade produtiva do trabalhador.

A pandemia pode ser considerada uma situação de trabalho perigosa com a sobreposição de papéis, que vão além da capacidade adaptativa do trabalhador e resultam no desequilíbrio do estado de saúde, sofrimento e angústia. Além de produzir e funcionar em meio a insegurança, para os adultos entrevistados o trabalho se tornou sinônimo de socialização, rotina, escape, normalidade e segurança, se tratando de renda e contratos formais. “Trabalhei até setembro. Tinha aquela rotina de sair, de ver... De querer ou não conversar com outras pessoas. [...] E graças a gente continuou trabalhando, né (entrevista 2)”.

No trabalho, os estabelecimentos incluíam momentos de descanso, reuniões, pausas e convivência entre colegas, lazer, o que, com a COVID-19 diminuíram de frequência ou foram abolidos. A representação dessa instituição, majoritariamente construída com base em uma

dinâmica de trocas, teve sua função social de pertencimento coletivo afetada (Clemente & Stoppa, 2020). Quem trabalha passa a ter um contato apenas parcial com colegas, os cruzamentos entre as pessoas, as interações nos espaços comuns e os horários de descanso se modificaram.

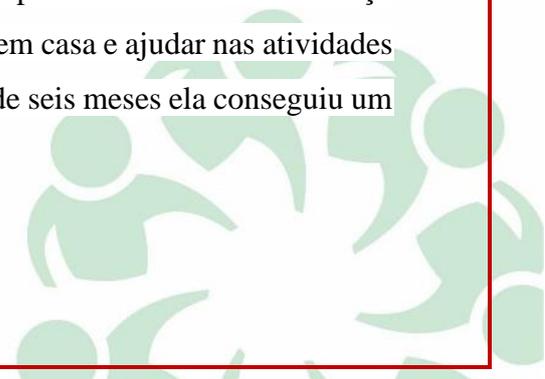
Fora que quem sai para trabalhar vive a tensão de se expor ou expor alguém ao vírus. Alguns dos entrevistados notaram que os espaços abertos e públicos, como o local de trabalho, geravam preocupação e estranhamento. A desconfiança e a suspeita que alguém ao redor poderia estar infectado, ou até mesmo ser assintomático, reprimiu relações tanto dentro da instituição quanto em casa. A jornada de trabalho, quando ocorre fora do domicílio, faz com que o medo de ser infectado e transmitir o vírus gere evitamento do contato físico mais próximo com seus familiares.

Agora ele tá bem preocupado, porque ele disse que tem muitos casos e tem todo dia um monte de gente saindo de lá com COVID, né. Daí ele fica bem preocupado, bem preocupado comigo se eu pegasse, coisa e tal, por causa dele, né (entrevista 5).

De acordo com Nasciutti (2020), o trabalho determina tarefas específicas, salário e, igualmente importante, um lugar de inserção social. Assim, alterações na estrutura organizacional têm impactos sobre cada sujeito, seja reassegurando seu lugar, seja alterando, seja excluindo. Neves et al. (2018) elucidam que a lógica financeira institui um imaginário social em que a sociedade inteira tem de se colocar a serviço da economia, um sistema complexo e abstrato, provocando e ocultando a perda progressiva dos significativos do trabalho e até mesmo negligenciando a saúde individual e coletiva.

Além do trabalho remoto, uma mãe relatou sua experiência em receber uma licença médica, por motivo de ser do grupo de risco, e como isso fez com que ela permanecesse em casa durante meses sem trabalhar. Essa mãe, apesar de ter passado por um período que a fez pensar na ideia de inutilidade, conseguiu priorizar sua saúde, produzir diferentes significados e entender esse novo local que ocupa socialmente, sem perder o vínculo empregatício. Porém, esse não é um movimento que acontece com todos.

O pai entrevistado de forma individual relatou que sua esposa foi demitida no começo da pandemia, em março de 2020. Nessa fase ela conseguia ficar em casa e ajudar nas atividades escolares de seu filho, mas a renda da família diminuiu. Depois de seis meses ela conseguiu um novo emprego.



Nasciutti (2020) clarifica que, provocada pela escassez de recursos e dificuldades financeiras das empresas, a ameaça de perder o emprego gera enorme estresse e ansiedade emocional. Quando se é despedido, mesmo em situação de exceção, o sentimento mais comum vivenciado é de ter sido traído. Quando ocorrem demissões em massa, o sentimento é de perseguição, ansiedade, nervosismo, insegurança e estresse.

Além disso, mesmo que o trabalho seja interrompido, a interpretação que se faz é que as atividades estão suspensas, até mesmo bloqueadas ou paralisadas. No entanto, a evolução do sofrimento não é interrompida, levando assim à sobrecarga psíquica e conseqüentemente a patologias relacionadas à desorganização mental. A liberdade, para Araújo et al. (2016, p. 4), é “como condição necessária à sua saúde psíquica”. Ou seja, a condição de prazer está relacionada ao enfrentamento das restrições impostas pela organização, que causa instabilidade psicológica.

Ainda, uma das mães entrevistadas relatou que em março de 2020 foi obrigada a aceitar 30 dias de férias, mas também destacou que não pode considerar esse período como um tempo de descanso aproveitado. Ao mesmo tempo, se sentiu grata pelo seu superior ter concedido mais 10 dias de licença no final do ano e não ter sido demitida.

E a gente daí pegou as férias, não teve opção, né. Foi imposto pra gente ficar com as férias, mas mesmo assim, daí, agora, no fim do ano, ele deu 10 dias pra todo mundo, assim. Pra... pra dar uma saída, pra descansar um pouquinho. Ajudou também, porque a gente faz alguma coisa em família, né, fim do ano. Aquilo não dá pra considerar férias, mas como muitas pessoas foram demitidas, nem tiveram outra opção, a gente ainda nem pode reclamar, né (entrevista 3).

Seja por demissão, férias ou por impossibilidade que obrigue a pessoa a deixar o trabalho, mesmo na atual condição adversa, a desocupação pode provocar, além da carência financeira, baixa autoestima, raiva, decepção, sentimento de vergonha e fracasso, quebra no sentimento de pertença e de completude, perda de referências e da identidade (Nasciutti, 2020). A inserção no trabalho sustenta as formas de integração social. Sem trabalho, ou distante dele, as relações são precarizadas e o indivíduo se torna mais vulnerável. Para o homem, essas questões se colocam de forma mais contundente, posto que a cultura ainda lhe delega a responsabilidade do sustento familiar.

Além do medo do desemprego, os quatro entrevistados microempreendedores relataram inseguranças: em nível de gastos, com fornecedores aumentando seus preços; em nível de saúde, porque não tiveram como manter o distanciamento social; e de renda. Nesse último caso, dois entrevistados explicaram que, por trabalharem diretamente com o público, a diminuição

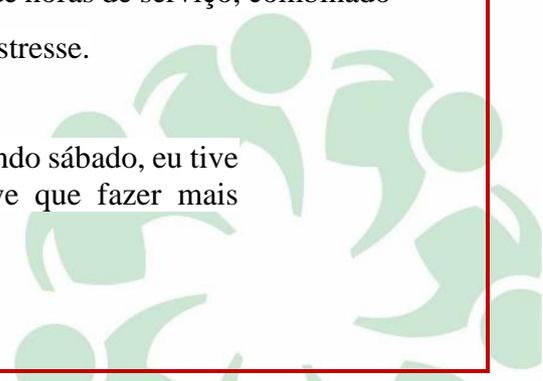
da renda aconteceu em consequência a mais de um fator: os dois locais fecharam durante um período de tempo, precisaram diminuir a quantidade de pessoas atendidas ou trabalharam com plantões de atendimento com horário marcado, as pessoas preferiram não retornar e o seu público diminuiu.

E quando a gente voltou, a gente voltou atendendo um cliente por horário, então reduziu bastante, né. A gente teve que ampliar o horário de atendimento, pra poder trabalhar com pelo menos a metade dos alunos que a gente tinha, dos pacientes no caso. Então foi bem complicado e ainda tá sendo complicado, né. [...] Agora uma semana parado, uma semana que tu não ganha, não ganha nada (entrevista 1). Primeiro, foi logo, quando eles... que começou mesmo o vírus, que fechou, assim, a gente trabalhou... a gente ficou, acho, que 5 dias sem trabalhar, né. E aí depois a gente trabalhou de porta fechada, regime de plantão. Então, o pessoal, às vezes, chegava, via que tava fechado... a gente acabou perdendo bastante cliente, né. [...] Acho que durou uns 15 dias de porta fechada, esses 15 dias a gente notou, assim, uma diferença bem grande, né (entrevista 7).

Mesmo antes da pandemia, surgem as chamadas precarização e flexibilização das condições e relações do trabalho, resultante das transformações sociais, políticas e econômicas. Neves et al. (2018), Macêdo (2021), Araujo, Luquini, Castro, Maia e Esteves (2021) explicam que nesse processo há um afrouxamento dos direitos e das garantias legislativas dos trabalhadores; maior insegurança; enfraquecimento dos coletivos; exacerbação do individualismo, do sucesso, da competitividade e dos vínculos frágeis e temporários; silenciamento do sofrimento e das subjetividades; evitamento dos conflitos; dominação e exploração laboral; desaparecimento dos limites entre a vida pessoal e profissional; pressão por urgência e alta performance; predominância de demandas específicas, que exigem competências cada vez mais elaboradas e complexas; e exclusão social. Nessa relação, os trabalhadores, principalmente os autônomos e informais, encontram-se cada vez mais vulneráveis.

Relacionado a diminuição da quantidade de público, outro ponto discutido foi o aumento da carga horária de trabalho para atender o máximo de pessoas possível e de forma individual, sem aglomerá-las e mantendo a renda econômica. Esse volume de horas de serviço, combinado com a desordem das atividades domésticas, causou exaustão e estresse.

Eu não trabalhava sábado, eu não tava mais trabalhando sábado, eu tive que puxar o sábado até meio-dia. Então... eu tive que fazer mais



horários, eu tava trabalhando só até 7 horas da noite, aí nesse período todo eu tive que trabalhar até 20, 21 horas da noite, né (entrevista 1).

Adicional, uma entrevistada acrescentou que seu marido, trabalhador da área de segurança, não pôde desempenhar suas atividades de modo remoto, enquanto outros da mesma empresa puderam fazê-lo. De acordo com tais falas e com Moraes (2020), os trabalhadores das atividades consideradas essenciais, tais como saúde, segurança, serviços de entrega ou trabalhadores da indústria, tiveram que continuar trabalhando e seguir suas rotinas apesar da pandemia. Para quem trabalha fora, há, de modo geral, uma ambivalência entre a necessidade e/ou desejo de seguir trabalhando e o medo do contágio e de colocar outras pessoas em risco. Nesse caso, há um conflito entre o comprometimento com o trabalho e a comunidade que precisa de seus serviços e a própria saúde, da família e da coletividade.

Complementar a isso, o trabalho se tornou equivalente a uma válvula de escape, auxiliando as pessoas a conviverem com o contexto social e a se distanciar da realidade. Trabalhar, cumprir compromissos e realizar atividades preencheriam a agenda, o tempo e o espaço mental, prevenindo perguntas incômodas e impedindo de pensar. Os participantes da pesquisa elevaram o trabalho ao patamar de conforto.

Ah, agora eu tô... agora eu tô bem porque voltei a trabalhar. Nos últimos dias tava bem estressada já. Porque tu fica muito tempo em casa e daí as pessoas tão... tendo suas vidas, né [...] E eu tava ficando entediada. E também o dinheiro vai terminando, né (entrevista 2).

Os novos significados e sentidos dados ao trabalho, podem promover maior satisfação e prazer no desempenho das atividades laborais, e, conseqüentemente, levar a maior motivação e produtividade. Entretanto, a ambigüidade do trabalho e da pandemia é posta à prova. Enquanto as relações no trabalho e o trabalho em si são mais valorizados, as pessoas são obrigadas a se manter afastadas e assumir as conseqüências; ao mesmo tempo em que a crise desenvolve o comprometimento e os cuidados de segurança, a responsabilidade social não é compartilhada e a agressão mental acontece, mesmo quando quase não há situações de insalubridade e periculosidade (Araújo et al., 2016; Macêdo, 2021).

A rotina familiar se altera, as pessoas se recolheram em suas residências; atividades prazerosas e estímulos agradáveis foram deixados de lado ou adaptados; eventos sociais deixaram de acontecer; a rede de apoio se fragilizou; amigos e familiares se afastaram; tarefas de escola e trabalho acumularam; e houve um aumento das atividades domésticas (Pereira et al., 2020). Torna-se difícil prever um novo cenário a médio e longo prazo. Coube aos pais e

famílias conciliarem os horários de trabalho, o tempo de atenção e cuidado dispensados aos filhos, os momentos de lazer e os momentos individuais e em grupo, delimitação e compartilhamento de espaços no domicílio tiveram que ser estabelecidos.

Das oito famílias entrevistadas, quatro contaram com o auxílio de familiares, avós e parentes para o cuidado das crianças, e quatro conseguiram mantê-las em casa, supervisionadas pelas mães, principalmente. Dois entrevistados revelaram uma terceira alternativa: o filho ser deslocado para o seu estabelecimento de trabalho.

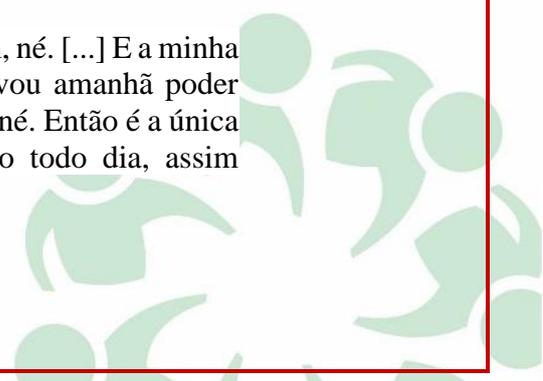
Tinha as aulas pelo *Google Meet*, uma vez na semana era aula pela internet. Ele fazia as aulas no meu trabalho, porque não tinha outra opção. Eu tinha que largar a minha tarefa pra ajudar ele, pra orientar ele a fazer os temas, cuidar dele dentro do meu trabalho (entrevista 6).

Em conjunto com as inseguranças trabalhistas, os entrevistados discorreram sobre o aumento de gastos com instituições de cuidado e ensino das crianças. Houve troca de escola pública para privada e mais despesas com a matrícula em uma escola infantil particular, que foi aberta quando as Escolas Municipais de Educação Infantil (EMEI) permaneceram fechadas.

Conforme Moraes (2020), as mudanças nas formas de trabalho e emprego trazem implicações objetivas e subjetivas e têm efeitos ainda maiores sobre as mulheres e mães. Dentre os nove entrevistados, duas mães puderam afirmar que realizam o trabalho remoto, uma de forma permanente e outra temporária. Uma delas destaca que, mesmo estando inserida no mercado de trabalho, o papel da mulher permanece sob a ótica do cuidado, sendo responsabilizada pela casa e pelas crianças.

De acordo com isso, entre os entrevistados, as mães relataram níveis mais altos de conflito do que os pais, demonstraram mais dificuldades para dedicarem-se à área profissional, sendo elas as cuidadoras principais. O único pai entrevistado de forma individual expressou muito mais tranquilidade que todas as mães e sua maior preocupação foi precisamente em relação ao emprego e a renda familiar. Isso acontece justamente porque as mulheres são vistas como as responsáveis pela casa e pelos filhos e ao homem cabe o papel de provedor e de autoridade.

Eu penso sempre em primeiro lugar no serviço, assim, né. [...] E a minha preocupação é sempre só assim 'bah, será que eu vou amanhã poder trabalhar?'. Porque é da onde a gente tira o sustento, né. Então é a única preocupação, então, é a única coisa que eu penso todo dia, assim (entrevista 7).



Dessa forma, apesar das mudanças ocorridas na família contemporânea, a diferença de papéis entre homens e mulheres ainda é uma realidade e o modelo da família nuclear tradicional, constituído por pai, mãe e filho(s), ainda se sobrepõe. A mulher segue ocupando um lugar fundamental dentro de casa e o homem, apoiado pela cultura patriarcal, possui um lugar distante do contexto doméstico. Uma mãe que permaneceu em casa com suas duas filhas contou a respeito da sua rotina e como a dificuldade em conciliar as atividades domésticas, de cuidado com as crianças e a própria estrutura familiar é fonte de frustração:

E o meu marido tá direto, tá praticamente trabalhando direto agora. [...] E daí acaba ficando tudo pra eu fazer, é pagar conta, é ir no mercado, é tudo eu. E daí, então, às vezes, eu me sinto mesmo sobrecarregada. [...] Então pra mim tava sendo muito pesado. Sinceramente, eu não tava aguentando mais (entrevista 5).

O cenário de sobrecarga dessa mãe se agrava pelo acréscimo de estressores, como: falta de auxílio do pai e de instituições de ensino; necessidade de manutenção do trabalho, com preocupação com a perda de renda; divisão de tempo entre trabalho, tarefas domésticas e acompanhamento pedagógico, dentre outros fatores. Entre esses vários fatores desencadeados pela COVID-19, os sujeitos muitas vezes se sentiram encurralados e tiveram que se esforçar para alcançar certa estabilidade emocional e funcional. O sofrimento relacionado ao trabalho pode ser causador de problemas ou mobilizador e criativo. Estratégias defensivas são elaboradas para enfrentar mentalmente o trabalho e manter o equilíbrio psíquico (Soldera, 2016). Porém, nem sempre isso acontece e, em médio e longo prazo, pode levar a um estado de torpor. Uma entrevistada descreveu esse momento como um “caos, sem explicação”, se sentindo exposta e pressionada pela situação e forçada a aceitá-la e lidar com ela:

Um caos. Não tem explicação o que a gente passa com tudo que tá acontecendo, sabe. [...] Há... mas não tá, assim, 100% como deveria tá, porque a saúde mental da gente é poder trabalhar, é poder tu dar teu passo e hoje a gente não tá 100% não (entrevista 6).

Ornell et al. (2020) respaldam que, em uma pandemia, o medo aumenta os níveis de ansiedade e estresse em indivíduos saudáveis e intensifica os sintomas daqueles com transtornos psiquiátricos pré-existent. Certa preocupação, mesmo que reduzida, se tornou uma constante às famílias e, embora necessário, o isolamento e as mudanças no padrão dos ambientes de trabalho e familiares, exacerba vulnerabilidades pessoais e coletivas.

Em decorrência da realidade adversa, marcada pela imposição de medidas de distanciamento social, o sofrimento emocional, a compreensão acerca do momento atual e o estilo de vida adotado pelos sujeitos durante a pandemia são motivos de preocupação. A crise resulta em perdas na saúde física, emocional, espiritual e nos aspectos econômicos. Em geral, o curso normal de resposta a estressores psicossociais e a eventos potencialmente traumáticos é a adaptação. Esse fato foi constatado mediante entrevistas, com os participantes confirmando essa adaptação, uma nova rotina.

### **Considerações finais**

Em algum nível, todas as famílias e sujeitos, de diferentes faixas etárias e grupos sociais, são afetados pela pandemia. Mesmo aquelas que não aderiram ao teletrabalho e ao isolamento social, seja por motivos econômico-laborais ou por falta de consciência ou compreensão acerca da gravidade da situação, tiveram a rotina afetada e a percepção de pertencimento afetada. O trabalho ganhou maior destaque na socialização, como rotina, escape e normalidade.

O teletrabalho resultou na contradição entre os diferentes papéis desenvolvidos pelos responsáveis, na conciliação das tarefas profissionais, domésticas e familiares, na inadequação do espaço doméstico e na sobrecarga dos sujeitos, com as mulheres e mães sendo as mais afetadas. A fragilização dos relacionamentos sociais, a insegurança laboral e as perdas financeiras se intensificaram. Além disso, a concepção de entretenimento se modificou, com o trabalho ganhando novas nuances e destaque nesse âmbito. Observa-se que a realidade emocional tem consequências não só na saúde, mas também na humanização do ambiente de trabalho e no bem-estar do trabalhador.

Quem conseguiu manter atividades laborais precisou se reinventar e, não obstante, manter a qualidade da performance, sustentar a renda e o bem-estar profissional e pessoal. O sentimento de isolamento, exaustão, ansiedade, estresse e desgaste emocional aumentaram. A pandemia pode ser considerada uma situação de trabalho perigosa, que desequilibra o estado de saúde e vai além da capacidade adaptativa do trabalhador, exige mecanismos de enfrentamento contra o sofrimento e a angústia. Ambivalente no seu cerne, além de produzir e funcionar em meio a insegurança, o trabalho se tornou sinônimo de segurança.

A configuração e estrutura familiar prévia se associou ao momento da pandemia. Dessa maneira, o estresse psicológico associado às situações de crises e ao trabalho não pode ser ignorado e é motivo de preocupação, principalmente por ocasionar efeitos ainda mais

problemáticos e duradouros. Os prognósticos sombrios contribuem para incrementar os níveis de sofrimento emocional generalizado, expondo os mais vulneráveis ao risco.

Nesse campo de forças, as subjetividades estão se constituindo e a família, em constante busca por homeostase, segue um novo padrão organizado. A crise causa frustrações, rupturas nas rotinas pessoais, familiares, profissionais, danos materiais, financeiros, e imateriais, de valor simbólico e emocional. No entanto, o impacto mental causado pela pandemia não está sendo suficientemente valorizado e nem se conhece totalmente os efeitos dessa experiência.

Diante deste cenário, é responsabilidade e interesse dos governos garantir que os impactos físicos e mentais sejam minimizados. É importante ressaltar que a pesquisa foi realizada com um grupo específico, de classe média, ou seja, os resultados podem se diferenciar daqueles realizados em populações com baixa ou alta renda, e não foi preconizado a pesquisa-ação convencional da Psicodinâmica do Trabalho, criada por Dejours, mas utilizado o seu entendimento a partir da análise de conteúdo.

É dessa maneira que a pandemia da COVID-19 afetou o trabalho e, conseqüentemente, a saúde mental de famílias com crianças em fase escolar, entre sete e doze anos de idade. Os resultados contribuem para explicar o comportamento humano e os estados subjetivos na pandemia, as perspectivas reais, abrangendo as singularidades na condição contextual, social, política e histórica. Com isto em mente, seria interessante pensar em futuras pesquisas que analisem o trabalho e a saúde mental no período pós-pandêmico, depois da imunização em massa; e em estudos que explorem outras configurações familiares.



## REFERÊNCIAS

- Alves-Mazzotti, A.J. & Gewandsznajder, F. (2002). *O Método nas Ciências Naturais e Sociais: pesquisa quantitativa e qualitativa* (2a ed.). Pioneira Thompson Learning.
- Araujo, I.C., Luquini, I.M.A.M. Castro, M.C.D, Maia, P.L.O., & Esteves, D.P. (2021). Teleworking: considerations and implications of employment relationships for workers' health. *Research, Society and Development*, 10(1), e50010111995. <https://doi.org/10.33448/rsd-v10i1.11995>
- Araújo, T.R.P.P., Souza, F.J.B., Lima, V.F.S.C., & Faria, E.O. (2016). *Psicodinâmica do Trabalho e Qualidade de Vida no Trabalho (QVT): Duas Faces da Mesma Moeda? Pesquisa-ação em uma Organização do Governo Brasileiro*. In: XL Encontro da EnANPAD, Anais. Costa do Sauípe. <https://repositorio.uniceub.br/jspui/handle/235/12711>
- Bahia, Secretaria da Saúde do Estado. Superintendência de Vigilância e Proteção da Saúde. Diretoria de Vigilância e Atenção à Saúde do Trabalhador. Centro Estadual de Referência em Saúde do Trabalhador. (2014). *Protocolo de atenção à saúde mental e trabalho*. Organizado por Suerda Fortaleza de Souza/SESAB/SUVISA/DIVAST/CESAT. DIVAST. <https://central3.to.gov.br/arquivo/276627>
- Bardin, L. (2016). *Análise de Conteúdo*. São Paulo: Edições 70.
- BBC News Brasil. (março 2020) *O que é pandemia e o que muda com declaração da OMS sobre o novo coronavírus*. <https://www.bbc.com/portuguese/geral-51363153>
- Bendassolli, P.F. & Soboll, L.A. (2014). *Métodos de pesquisa e intervenção em psicologia do trabalho: clínicas do trabalho*. São Paulo: Atlas.
- Camara, R.H. (2013). Análise de conteúdo: da teoria à prática em pesquisas sociais aplicadas às organizações. *Gerais, Rev. Interinst. Psicol.*, Belo Horizonte, 6(2), 179-191. [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1983-82202013000200003&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-82202013000200003&lng=pt&tlng=pt)
- Carter, B. & McGoldrick, M. (1995). As mudanças no ciclo de vida familiar: uma estrutura para a terapia familiar. In: Carter, B., McGoldrick, M. & colaboradores. *As mudanças no ciclo de vida familiar: uma estrutura para a terapia familiar*. (2a ed., pp 7-29). Artmed.
- Centro de Referência Técnica em Psicologia e Políticas Públicas (CREPOP). (2008). *Saúde do Trabalhador no âmbito da Saúde Pública: referências para a atuação do(a) psicólogo(a)*. CFP. [http://crepop.pol.org.br/wp-content/uploads/2010/11/saude\\_do\\_trabalhador\\_COMPLETO.pdf](http://crepop.pol.org.br/wp-content/uploads/2010/11/saude_do_trabalhador_COMPLETO.pdf)
- Cervený, C.M.O., Berthoud, C.M.E. & colaboradores. (2010). *Família e ciclo vital: nossa realidade em pesquisa* (2a ed.). Casa do Psicólogo.
- Clemente, A. C. F. & Stoppa, E. A. (2020). Lazer Doméstico em Tempos de Pandemia da Covid-19. *LICERE - Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer*, 23(3), 460-484. <https://periodicos.ufmg.br/index.php/licere/article/view/25524>

- Costa, L.F. (2010). A perspectiva sistêmica para a Clínica da Família. *Psic.: Teor. e Pesq.* 26(nsp), 95-104. <https://doi.org/10.1590/S0102-37722010000500008>
- Faro, A., Bahiano, M.A., Nakano, T.C., Reis, C. Silva, B.F.P, & Vitti, L.S. (2020). COVID-19 e saúde mental: a emergência do cuidado. *Estud. psicol. (Campinas)*, 37. <https://doi.org/10.1590/1982-0275202037e200074>
- Gomes, L.B., Bolze, S.D.A., Bueno, R.K., & Crepaldi, M.A. (2014). As origens do pensamento sistêmico: das partes para o todo. *Pensando fam.*, 18(2), 3-16. [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1679-494X2014000200002&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-494X2014000200002&lng=pt&tlng=pt)
- Lei nº 13.467, de 13 de julho de 2017.* Altera a Consolidação das Leis do Trabalho (CLT), aprovada pelo Decreto-Lei nº 5.452, de 1º de maio de 1943, e as Leis nº 6.019, de 3 de janeiro de 1974, 8.036, de 11 de maio de 1990, e 8.212, de 24 de julho de 1991, a fim de adequar a legislação às novas relações de trabalho. [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2015-2018/2017/lei/113467.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2017/lei/113467.htm)
- Lima, R.C. (2020). Distanciamento e isolamento sociais pela Covid-19 no Brasil: impactos na saúde mental. *Physis*, 30(2). <https://doi.org/10.1590/S0103-73312020300214>
- Macêdo, S. (2021). Um olhar para a subjetividade e a saúde mental do trabalhador durante e após a pandemia da covid-19. *Revista Trabalho (En)Cena.*, 6, e021005. <https://doi.org/10.20873/2526-1487e021005>
- Moraes, M.M. (Org.). (2020). *Os impactos da pandemia para o trabalhador e suas relações com o trabalho* (3a ed.) (Coleção o trabalho e as medidas de contenção da COVID-19: contribuições da Psicologia Organizacional e do Trabalho). Artmed. <https://www.sbpot.org.br/publicacoes>
- Nasciutti, J.R. (2020). Pandemia e perspectivas no mundo do trabalho. *Caderno de Administração*, 28, 82-88. <https://doi.org/10.4025/cadadm.v28i0.53609>
- Neves, D.R., Nascimento, R.P., Felix Jr, M.S., Silva, F.A., & Andrade, R.O.B. (2018). Sentido e significado do trabalho: uma análise dos artigos publicados em periódicos associados à Scientific Periodicals Electronic Library. *Cad. EBAPE.BR*, 16(2). <http://dx.doi.org/10.1590/1679-395159388>
- Organização Mundial da Saúde (OMS). (2020). *OMS afirma que COVID-19 é agora caracterizada como pandemia.* Organização Pan-Americana da Saúde. <https://www.paho.org/pt/news/11-3-2020-who-characterizes-covid-19-pandemic>
- Ornell, F., Schuch, J.B., Sordi, A.O., & Kessler, F.H.P. (2020). “Pandemic fear” and COVID-19: mental health burden and strategies. *Braz. J. Psychiatry*, 42(3), 232-235. <http://dx.doi.org/10.1590/1516-4446-2020-0008>
- Pereira, M.D., Oliveira, L.C., Costa, C.F.T., Bezerra, C.M.O., Pereira, M.D., Santos, C.K.A., & Dantas, E.H.M. (2020). The COVID-19 pandemic, social isolation, consequences on mental health and coping strategies: an integrative review. *Research, Society and Development*, 9(7), 1-14. <https://doi.org/10.33448/rsd-v9i7.4548>

- Ribeiro, E.G.; Souza, E.R.; Nogueira, J.O., & Eler, R. (2020). Saúde Mental na Perspectiva do Enfrentamento à COVID -19: Manejo das Consequências Relacionadas ao Isolamento Social. *Rev. Enfermagem e Saúde Coletiva*, 4(2), 47-57. <https://www.revesc.org/index.php/revesc/article/view/59/68>
- Rosa, M.V.F.P.C., Arnoldi, M.A.G.C. (2014). *A entrevista na pesquisa qualitativa: mecanismos para validação dos resultados*. Belo Horizonte: Autêntica.
- Silva, H.G.N., Santos, L.E.S., & Oliveira, A.K.S. (2020) Efeitos da pandemia no novo Coronavírus na saúde mental de indivíduos e coletividades. *J. nurs. health*, 10(4), 1-10. [HTTPS://DOI.ORG/10.15210/JONAH.V10I4.18677](https://doi.org/10.15210/JONAH.V10I4.18677)
- Soldera, L. M. (2016). Breve compêndio conceitual e metodológico da Psicodinâmica do Trabalho e da Psicossociologia. *Cadernos De Psicologia Social Do Trabalho*, 19(2), 243-253. <https://doi.org/10.11606/issn.1981-0490.v19i2p243-253>
- Taquette, S.R. (2016). Análise de Dados de Pesquisa Qualitativa em Saúde. *Atas - Investigação Qualitativa em Saúde*, 2, 524-533. <https://proceedings.ciaiq.org/index.php/ciaiq2016/article/view/790>
- Yin, R.K. (2016). *Pesquisa qualitativa do início ao fim*. Penso.

<b>Contribuições dos autores</b>	
Autora 1	Administração do projeto, análise formal, conceituação, curadoria de dados, primeira redação, investigação, metodologia e recursos.
Autora 2	Revisão e edição, supervisão, validação e visualização.

